

I NCUBADORAS DE COOPERATIVAS POPULARES E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: O CASO INCOOP-UFSCar

¹ Patricia Mari Matsuda

² Maria Laura Ferranty Mac Lennan



Resumo

Objetivo do estudo: Esta pesquisa analisa o vínculo existente entre Incubadoras de cooperativas populares e a Universidade por meio da atividade de extensão.

Metodologia/abordagem: A metodologia aplicada foi o estudo de caso na INCOOP-UFSCar de modo a avaliar como a Incubadora de Cooperativa popular contribui para o desenvolvimento dos atores na Universidade.

Originalidade/Relevância: As atividades com os futuros cooperados geram benefícios socioeconômicos conjuntos para os cooperados e acadêmicos, contudo os benefícios para a Universidade possuem avaliações mais escassas.

Principais resultados: A Incubadora, como um projeto de extensão, pode ser considerada um meio de operacionalizar o papel da Universidade frente a comunidade na qual ela está inserida, atendendo a demandas locais e também servindo de locus no desenvolvimento da academia.

Contribuições teóricas/metodológicas: Observa-se nesse estudo que a Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP) impacta positivamente não somente os cooperados como também contribui no desenvolvimento das atividades de extensão pelos alunos e técnicos administrativos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Palavras-chave: Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. INCOOP-UFSCar. Economia Solidária. Extensão Universitária. Universidade.

¹ Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana "Padre Sabóia de Medeiros – FEI, São Paulo, (Brasil). E-mail: patricia.ufscar@hotmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-1167-6148>

² Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana "Padre Sabóia de Medeiros – FEI, São Paulo, (Brasil). E-mail: ferranty@hotmail.com Orcid id: <http://orcid.org/0000-0002-5019-7492>

POPULAR COOPERATIVES INCUBATORS AND THE UNIVERSITY EXTENSION: THE CASE INCOOP-UFSCAR

Abstract

Objective: This research analyse the link between popular cooperatives incubators and the University through the extension activity.

Methodology / Approach: The methodology applied is a case study at INCOOP-UFSCar in order to evaluate how the Cooperative contributes to the development of the actors in the University.

Originality / Relevance: Activities with prospective co-workers generate joint socio-economic benefits for co-workers and academics, but the benefits to the University have scarcer assessments.

Main results: The Incubator, as an extension project, can be considered a mean of operationalizing the role of the University vis-a-vis the community in which it is inserted, meeting local demands and also serving as locus in the academy development.

Theoretical / methodological contributions: In this study, it is observed that the Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP) positively impacts not only cooperators but also contributes to the development of extension activities of Federal University of Sao Carlos (UFSCar) students and administrative technicians.

Keywords: Technological Incubators of Popular Cooperatives. INCOOP-UFSCar. Solidarity economy. University Extension. University.

INCUBADORAS DE COOPERATIVAS POPULARES Y LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA: EL CASO INCOOP-UFSCAR

Resumen

Objetivo: Esta investigación analiza el vínculo existente entre Incubadoras de cooperativas populares y la Universidad por la actividad de extensión.

Método: La metodología aplicó estudio de caso en la INCOOP-UFSCar para evaluar de qué modo la Incubadora de Cooperativa popular contribuye al desarrollo de los actores en la Universidad.

Originalidad / Relevancia: Las actividades con los futuros cooperados generan beneficios socioeconómicos conjuntos para los cooperados y académicos, pero los beneficios para la Universidad poseen evaluaciones más escasas.

Resultados: La Incubadora, como un proyecto de extensión, puede ser considerada medio de operacionalizar el papel de la Universidad frente a la comunidad en la que está inserta, atendiendo a demandas locales y también sirviendo de locus en el desarrollo de la academia.

Contribuciones teóricas / metodológicas: Se observa en este estudio que la Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP) impacta positivamente no sólo a los cooperados, sino que también contribuye al desarrollo de las actividades de extensión por los alumnos y técnicos administrativos de la UFSCar.

Palabras clave: Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. INCOOP / UFSCAR. Economía Solidaria. Extensión Universitaria. Universidad.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho aborda a temática das Incubadoras de Cooperativas Populares, por meio de um estudo de caso na Incubadora da Universidade Federal de São Carlos (INCOOP-UFSCar). Embora a Incubação de Cooperativas Populares surja no bojo da Economia Solidária ainda na década de 90 (Coppe-UFRJ, 2009, Matarazzo & Boeira, 2016), observa-se que estas estão crescendo de forma substantiva, em 2007 eram 33 e esse número aumentou para 41 Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares em 2019. (ITCP-COPPE, 2019), principalmente no contexto universitário. Segundo dados do relatório da Culti (2007), a maior parte das Incubadoras nasceu de Universidades, sendo que este tipo de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) nasceu exclusivamente nas Universidades e, ainda na atualidade, são a elas vinculadas.

As ITCPs surgem para minimizar alguns dos problemas estruturais do modo de produção atual, como por exemplo, a exclusão de indivíduos do mercado de trabalho por conta da entrada de novas tecnologias (Tigre, 2006). Isto é possível, pois as ITCPs geram grupos de interesses que identificam e despertam possibilidades de uma reinserção de indivíduos no mercado por meio de seu trabalho coletivo e cooperativo (Matarazzo & Boeira, 2016). Na maioria dos casos, as cooperativas criadas no Brasil são associadas à prestação de serviços. A grande vantagem deste tipo de ITCPs é de que estas não dependem *a priori* de aparatos tecnológicos caros, o que permite certa independência destes coletivos sociais.

Nas cooperativas brasileiras, primeiramente, são praticados princípios da Economia Solidária (ES), na medida em que é efetuado um trabalho de conscientização e aproximação da temática do cooperativismo ao trabalho solidário (Carvalho; Correa & Cruz, 2015, Matarazzo & Boeira, 2016). Em um segundo momento, ocorre o treinamento e a capacitação dos cooperados para que estes possam prestar os serviços que lhe serão cabíveis (Singer, 2002). É imprescindível também a utilização de um plano de negócios que deve servir como um guia estratégico norteador para as cooperativas estudarem a viabilidade do negócio escolhido e focarem seus objetivos estratégicos. Para isso, recebem o apoio da

Universidade, com seus alunos e professores com orientações técnicas sobre a elaboração do plano. No terceiro momento, a inserção da cooperativa no mercado passa a ser possível, contudo o suporte da Incubadora ainda deverá ocorrer até que a cooperativa se julgue apta para atuar no mercado de forma plenamente autônoma. Cooperativas podem ser orientadas a assuntos relacionados a políticas públicas (Valadares & Cunha, 2018), interesses ambientais como assuntos ligados a reciclagem (Lima; Alameida; Giglio & Correa, 2018), cooperativas populares ligadas a academia (Fraga, 2018, Nilolopoulou, et al., 2017), dentre outros interesses.

Diversas pesquisas se dedicam a analisar o impacto social e econômico dos trabalhos de incubação nas Universidades (Carvalho; Correa & Cruz, 2015, Chiariello; Eid, 2010, Guimarães, 1998; Honig; Karlsson, 2010; Schmidt, Balestrin, 2014; Stal; Andreassi; Fujino 2016). Todavia esta presente pesquisa avança no conhecimento ao integrar o entendimento dos benefícios socioeconômicos com a formação dos estudantes. Essa pesquisa objetiva identificar quais os ganhos socioeconômicos e acadêmicos obtidos pelos indivíduos que se envolvem com uma incubadora da UFSCar (INCOOP) em São Carlos, através de professores e alunos desta mesma instituição. Desse modo, o estudo busca identificar os benefícios que um projeto como ITCPs pode trazer, tanto do ponto de vista socioeconômico (do empoderamento dos agentes envolvidos), como do ponto de vista acadêmico (formação continuada e experimental dos alunos envolvidos).

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Essa revisão bibliográfica será apresentada em três tópicos. Primeiro se apresenta o papel das Incubadoras de Cooperativas Universitárias, na qual as incubadoras são definidas e se apresentam as peculiaridades das Incubadoras de Cooperativas Populares.

O segundo tópico relaciona as Incubadoras com as Universidades, se ressalta o papel da extensão universitária nesse processo de incubação e mostra o impacto dessa parceria para ambas as partes. Finalmente, essa revisão aborda a Economia Solidária - ES, uma vez que as incubadoras sociais são consideradas manifestação desse modo de organização econômica.

Incubadoras de Cooperativas Populares

Raupp e Beuren, (2006) entendem que incubadoras são espaços que disponibilizam instrumentos e políticas de auxílio às unidades de negócios. Nesse sentido, incubadoras podem ser compreendidas como organizações que suportam empresas em fase de nascimento ou desenvolvimento. As incubadoras são instituições de apoio às empresas projetadas para oferecer uma multiplicidade de serviços, como espaço físico, infraestrutura, consultoria, treinamento e suporte administrativo destinados a acelerar o processo de abertura de empresas (HONIG; KARLSSON, 2010). De acordo com a Anprotec (2017):

“Uma incubadora é uma entidade que tem por objetivo oferecer suporte a empreendedores para que eles possam desenvolver ideias inovadoras e transformá-las em empreendimentos de sucesso. Para isso, oferece infraestrutura, capacitação e suporte gerencial, orientando os empreendedores sobre aspectos administrativos, comerciais, financeiros e jurídicos, entre outras questões essenciais ao desenvolvimento de uma empresa.”

Um tipo específico de incubadora é aquele que se dedica a desenvolver as cooperativas populares ou incubadoras sociais. O estudo em Incubadoras de Cooperativas Populares, segundo Dubeux (2007), representa uma nova época no compromisso da Universidade com a sociedade e os movimentos sociais. As Incubadoras de Cooperativas Populares ultrapassam a visão tradicional em que as empresas ali instaladas recebem apoio administrativo, legal e financeiro para seu desenvolvimento. Nelas, mais que gerar renda, o processo de incubação apresenta caráter político e social na medida em que se busca transformar a sociedade (Calbino & De Paula, 2013). A sociedade é transformada ao receber subsídios como educação vindo da Universidade para criação de trabalho e renda aos cooperados. Para Laville (1994), esse modelo propõe restabelecer a solidariedade no coração da economia, o que corrigiria os efeitos perversos da economia de mercado, como as desigualdades sociais, além de minimizar os danos ambientais.

As incubadoras sociais englobam um processo que apresenta diversas facetas. Elas são:

(i) valorizam o saber acumulado do grupo e das pessoas em busca da inclusão social e econômica, (ii) acrescentam conhecimento cooperativo, além de técnicas de gestão, (iii) orientam a inserção em cadeias produtivas, (iv) integra o saber popular com o saber científico de modo a transformar o trabalho cotidiano com atividades de ensino, pesquisa e extensão, e (v) são consideradas modo de construção e reconstrução do conhecimento (CULTI, 2011, p. 35).

Eid (2008) coloca a Incubadora de Cooperativas como um espaço importante para que se desenvolvam pesquisas teóricas e empíricas sobre a Economia Solidária, cuja ação política pode se voltar a atender a uma classe social desprovida dos meios de produção e realimentar a construção do conhecimento através da prática. Nicolopoulou, et al. (2017) situam as incubadoras sociais no centro da inovação social, à medida que se constrói uma nova modalidade de colaboração e engajamento social embasado no capital social e trocas de conhecimento.

As Incubadoras ligadas a Universidade através das atividades de Extensão Universitária propiciam um campo favorável de contato com a realidade, democratizando o conhecimento e colocando a teoria à prova. A formação não é mais somente dentro da sala de aula, mas sim no campo, onde alunos põem as ideias em prática e aprendem a pensar: o aprender fazendo. Essas Incubadoras atendem a casos reais, a uma demanda emergencial, consequentes da economia atual de marginalização, procuram soluções concretas para a realidade, legitimando, desse modo, o papel da extensão dentro das Universidades (EID, 2008).

De acordo com a Anprotec (2019), a principal diferença das ITCPs em relação as incubadoras tradicionais é o público-alvo, da qual essas visam o atendimento a cooperativas e associações populares. Esse tipo de incubadora contribui para a sociedade ao inserir na economia pública antes marginalizado do mercado de trabalho formal, o que impacta na arrecadação de impostos e beneficia a sociedade em geral (Sentana; González & Gascó, 2017).

Segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras (2008), o sistema cooperativista existe desde 1844. A cooperativa consiste em uma organização - de produtores rurais, empresários, entre outros ramos de atividades -

com o objetivo de melhor competir no mercado. A diferença principal desse modelo com a cooperativa popular consiste no fato de que estas buscam reunir pessoas excluídas do mercado de trabalho, estabelecer relações democráticas onde todos têm os mesmos direitos e se concentram mais na ideia de retiradas do que de salários. Nesse sentido, as cooperativas confirmam a definição de ES, de não ser competitiva e não visar ao lucro, mas de dar oportunidades para que trabalhadores congreguem seus recursos e consigam se inserir no mercado, o que, individualmente, seria muito difícil, tendo em vista sua realidade socioeconômica.

O termo cooperativa popular se refere ao fato de haver nesse sistema a isenção de tarifas públicas no seu início: “No stricto sensu o cooperativismo popular não existe, há apenas o cooperativismo como um sistema econômico” (Proninc, 2002, p. 22).

As cooperativas populares possuem alguns benefícios, como a inserção no mercado e a autogestão. É preciso ter em mente que, ao se falar de cooperativismo popular, também é necessário definir que, muito mais que renda, seus reais objetivos são os princípios, as comissões de ética e a forma de distribuir a renda. (Proninc, 2002).

Entretanto, nota-se que, embora esse modelo possa apresentar saídas, ao mesmo tempo, traz algumas dificuldades. Saídas, pois essas pessoas se reuniram em grupos através de reuniões e tomaram consciência de como funciona esse sistema, resolveram aderir a ele, mesmo sabendo que geraria trabalho e renda, e não emprego como muitos estavam acostumados. Por outro lado, percebe-se que o sistema cooperativista, por ter suas particularidades escritas e classificadas no estatuto, no regimento interno e nas leis que regem o cooperativismo no Brasil, demonstra-se difícil de lidar, administrar e organizar. (Almeida, 2002).

Observa-se também que os membros de cooperativas não estão acostumados a participar desse tipo de organização, devido à educação inserida pela cultura capitalista, à relação patrão-empregado, à falta de educação permanente e à dificuldade de atingir interesses globais e não individuais. É importante o indivíduo buscar sua capacitação com intuito de participar ativamente da cooperativa, fazer valer suas ideias e defender seus pontos de vista. (PRONINC, 2002).

O despreparo dos dirigentes também pode ser considerado um entrave ao desenvolvimento

das organizações em forma de cooperativas. Nesse sentido, o intuito da Universidade é desenvolver cooperados-empresários, ou seja, os participantes da cooperativa serem trabalhadores e, ao mesmo tempo, aprenderem a agir como donos do próprio negócio. Todavia, nota-se atualmente que o trabalhador não está acostumado a participar, disponibilizar-se, arriscar-se, opinar e decidir no trabalho. Por isso, novamente é fundamental a educação ao cooperativismo (Proninc, 2002).

Há dificuldades ainda na difusão da inovação social, muitas vezes prejudicado pela falta de conhecimento dos agentes envolvidos no processo (Wasai & Nouman, 2016). Nesse sentido a universidade possui papel essencial em disponibilizar os conhecimentos gerados no processo de incubação para a sociedade civil.

Como diz Tigre (2006), quando se fala de tecnologia, não é algo totalmente novo, pode ser a melhoria de um produto ou processo já existente, ou uma difusão de uma invenção. No caso das incubadoras, as tecnologias são incrementais, ou seja, melhoria do que já existe, aplicadas a um contexto social.

Incubadoras e o papel da extensão universitária.

Cada vez mais, para desenvolver novas empresas produtos e serviços se requer fontes de criatividade não tradicionais, envolvendo a cooperação com clientes, fornecedores, institutos de pesquisa e até empresas concorrentes (Stal, et al., 2016). Nesse contexto, as universidades e as empresas podem ser consideradas parceiros naturais, pois as empresas buscam fontes externas de conhecimento para complementar seus recursos humanos e laboratórios de pesquisa e desenvolvimento (P&D) (Chesbrough, 2006). Os processos de incubação, quando desenvolvidos no âmbito das Universidades, devem se caracterizar como projetos de extensão universitária, ou seja, em que ocorra uma indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão (Araújo Filho, 2005).

Diversas pesquisas já se voltaram para a análise dos trabalhos de incubação nas Universidades. Por exemplo, Guimarães (1998) tratou do início do processo de incubação de cooperativas populares dentro da Universidade Federal Rio de Janeiro (UFRJ) e também alguns levantamentos já realizados. Os relatórios de acompanhamento das Incubadoras do Programa

Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (Proninc, 2002) e do Culti (2007) informam sobre o número de cooperativas Incubadas e o número de cooperados participantes dos processos. Silva, Teixeira e Rodrigues (2016) avaliam a utilização de metodologias de gestão de projetos em atividades de extensão universitária.

Com bastante frequência, a extensão universitária era considerada um exercício de auxílio da Universidade ou encarada como uma atividade quase filantrópica, que a Universidade

exercia sobre o meio social próximo (Culti, 2011). Todavia, deve-se ter em mente que relação das Incubadoras com as Universidades não é paternalista, nem assistencialista; precisa-se de pessoas com competência na disseminação e implementação de ideias. “É a comunidade entrando na Universidade não como cobaia de um experimento, mas como agente participante de um processo criativo e dinâmico com vistas a sua própria organização e atuação social e econômica.” (Proninc, 2002, p. 29), como ilustra a figura 1:

Figura 1: Produção interrupta do conhecimento



Fonte: Elaborado pelas autoras

A partir da figura 1 se pode ver o valor da produção de conhecimento da Universidade com a comunidade. Na Universidade é frequente a alocação de atividades desenvolvidas em incubadoras como programa de extensão acadêmica. De acordo com o entendimento de Culti, (2011), essa iniciativa associa o conhecimento popular com o saber científico de modo a transformar o trabalho habitual com ações de ensino, pesquisa e extensão.

O tema Extensão Universitária tem um importante papel nessa pesquisa tendo em vista que o processo de incubação pode ser entendido como uma das formas da extensão universitária. As atividades de extensão estão ligadas a produção, sistematização e difusão do conhecimento a serem aplicadas a favor da sociedade.

A Incubadora de Cooperativa Popular consiste, basicamente, em uma troca de conhecimentos entre a Universidade e a Sociedade. Para o estudo desse tópico, foram consideradas as obras de Thiollent (2000), Dubeux (2005), Araújo Filho (2005), Batomé (1996) e os dados do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Federais Públicas – FORPROEX entre outros autores que são referências neste tema.

De acordo com Rocha (In: Thiollent et al, 2003), nos finais da década de 1970 e 1980, a

atividade de extensão ganha maior campo para discussão, especialmente com a criação do Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX). Assim, o fórum funciona como uma Rede, na qual há um processo de amadurecimento de ideias:

“a Extensão não é apenas repasse de informação; ela produz conhecimentos sobre problemas reais e condições de soluções e adequação; além de estimular a formação de novos projetos de pesquisas.” (THIOLLENT, 2000, p.27).

Com bastante frequência, a Extensão era considerada até então como a mera prestação de serviços ou encarada como uma atividade quase filantrópica, que a Universidade exercia sobre o meio social próximo. Rocha (2003) destaca que, em toda a sua história, ela vem se modificando e ganhando campo nas Universidades, sendo pouco a pouco percebida a sua importância. Embora a Extensão seja mencionada na legislação do ensino superior, quase sempre é exercida de modo esporádico, sem oferecer elementos suficientes para sua plena caracterização. Já para Batomé (1996), a Extensão foi o nome genérico dado às maneiras de tornar o conhecimento existente – seja ele científico, filosófico ou artístico – acessível a

todos por meio de ensino formal, ou de qualquer outro modo de acesso à informação.

De acordo com a definição do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Federais Públicas (2008), a Extensão consiste em um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade.

Assim como pondera Araujo Filho (2005), na sua visão contemporânea que se deriva das discussões do FORPROEX, passa a ser considerada como uma atividade que, indissociada do ensino e da pesquisa, dá concretude ao objetivo da Universidade de produzir o conhecimento e torná-lo acessível.

Nesse sentido, a extensão pode propiciar o desenvolvimento do país através da realização de projetos voltados para problemas locais. Tem a importância de formar alunos preocupados com o contexto no qual vivem e, ainda através dela, disponibilizar saberes para a comunidade. Em outras palavras, a Extensão propicia aos alunos um maior contato com a realidade que os rodeia. Canales (2006) destaca inclusive que está relacionada ao dever da Universidade de estender a produção à população, socializar e democratizar o conhecimento acadêmico desenvolvido nas pesquisas e no ensino. Dessa maneira, há a aproximação do mundo acadêmico com o mundo leigo e popular. Mattos (1981) relata que, desse modo, descobrem-se de antemão novos problemas que põem à prova a teoria estudada.

Além disso, a Extensão proporciona a profissionalização por meio de suas atividades, em que o aluno flexibiliza o seu currículo, posto que desenvolve, na comunidade, a teoria que recebeu nas salas de aula e nos laboratórios. É na atividade prática que o aluno coloca em xeque seus conhecimentos. Trata-se, pois, de um aprendizado vivenciado, capaz de criar no estudante universitário o hábito de servir, propiciando a formação da verdadeira consciência social, tendo como resultado o indivíduo participante e responsável dentro da comunidade (MATTOS, 1981).

Há também a discussão de Araújo Filho e Nardini (2006), a respeito de que, por meio do envolvimento dos alunos com projetos de extensão, há mudança nos processos pedagógicos, dando-se maior ênfase ao aprender a aprender, ao aprender a dialogar a intervir na

realidade, e não apenas se transmitindo o conhecimento. Em outras palavras, criam-se sujeitos capazes de perceber as mudanças do mundo, de questionar, de refletir e poder, assim, atuar em uma sociedade em contínua mudança.

Economia solidária

A Economia Solidária é um sistema baseado em princípios de união das pessoas, desenvolvimento local, sustentabilidade, mobilidades, iniciativas civis. (França Filho, 2002). Iniciativas de economia solidária normalmente se originam de necessidades do cotidiano, sugerindo novas formas de relacionamento do ambiente com a sociedade. Singer (2000), ao tratar do tema Economia Solidária, discute as formas dos trabalhadores se unirem para que se possam ser mais competitivos. O autor destaca ainda a dificuldade de tratar dessa nova forma de organização da economia, que procura dar respostas às desigualdades hoje existentes e inserir os excluídos no mercado de trabalho e na vida social no Brasil e no mundo.

A Economia Solidária se torna visível por meio de uma multiplicidade de atividades dirigidas para a geração de trabalho e renda que apresentam características marcantes que os distinguem da atividade econômica capitalista tradicional. Ela ocorre com o envolvimento de iniciativas produtivas e de prestação de serviços. Os empreendimentos admitem formas diversas de organização empresarial (cooperativas, associações, grupos não formalizados) (Pinheiro, 2016).

Atualmente, para se inserir na economia, é importante realizar alianças com outras organizações e parceiros de diferentes naturezas. Estas são observadas entre empresas capitalistas, e entre pessoas, na economia solidária, para que juntas possam ter maior articulação nesse meio competitivo, como ressalta Singer (2000, p. 38):

“A economia solidária tem hoje um forte apelo: é uma forma prática de enfrentar a crise do trabalho. De um modo geral, prefeituras, políticos e sindicalistas têm mostrado interesse crescente por empresas autogeridas, cogeridas ou por organizações coletivas e comunitárias”.

Portanto, de acordo com Singer (2000), de uma forma coletiva, os trabalhadores possuem maior capacidade de empregar forças e recursos para construir formas mais dignas de trabalho, posto que os participantes de cooperativas de

produção estimulados a se interessarem, comprometerem, e a atuarem em conjunto com os seus pares. O autor entende que a ITCP pode ser considerada como modo de manifestação de iniciativa de Economia Solidária. Matarazzo e Boeira, (2016) acreditam que o processo de incubação integre os princípios da Economia Solidária com os aspectos legais e jurídicos das cooperativas.

A Incubação toma forma de mecanismo da Economia Solidária à medida que permite que pessoas com excelentes ideias viabilizem sua inserção através dos recursos de treinamento e instrução. É importante destacar que trabalhadores em forma de cooperativa recebem uma consultoria básica para realizar o projeto. Os apoios não se limitam a aportes financeiros, podendo ser traduzidos em conhecimento sobre algum assunto, experiência em gestão, planejamento do negócio, o que gera aprendizado e conhecimento para as partes envolvidas (FISCHER, 2002). É nesse contexto que a Incubação de Cooperativas Populares se situa, tem-se de um lado a Universidade produzindo conhecimentos de forma teórica e empírica sobre Incubação, Economia Solidária, Cooperativismo e, outro, os cooperados que a partir destas experiências passam a ter maiores possibilidades de geração de renda. Além disso, os alunos envolvidos com estes projetos, colocam em teste os conhecimentos que vêm adquirindo nos programas de seus respectivos cursos, têm a oportunidade de utilizá-los na prática e de viver a realidade concreta de um segmento social brasileiro.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e descritiva. Ela se baseia em um estudo de caso da Incubadora Regional de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos (INCOOP) pertencente à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) na cidade de São Carlos, localizada no estado de São Paulo. A hipótese de pesquisa central do estudo é de que a INCOOP, estabelecendo uma relação entre alunos e técnicos administrativos da UFSCar com os futuros cooperados, gera benefícios socioeconômicos (para os cooperados) e acadêmicos (para professores, alunos e técnicos administrativos da UFSCar).

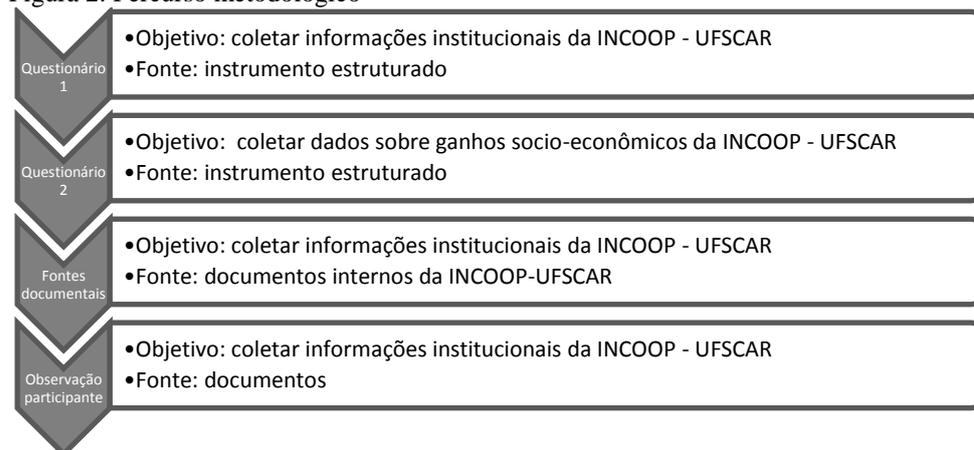
O objeto de estudo, a INCOOP-UFSCar cumpre suas atividades junto à comunidade civil desde abril de 1999. O seu trabalho começou a partir de pesquisa em setores excluídos na cidade de São Carlos e Região e de formação de cooperativas com alguns grupos destes setores, por meio de parceria da Pró Reitoria de extensão da UFSCar com entidades sociais civis e municipais.

Para o desenvolvimento desse trabalho se empregou como método principal o estudo de caso, que, como observa Gil (1996, p. 58), “[...] é caracterizado pelo profundo e exaustivo conhecimento de um ou de poucos objetos” e no qual se analisa o objeto sem necessariamente interferir no mesmo. Assim, procurou-se conhecer o trabalho realizado pela INCOOP/UFSCar, através de distintos procedimentos de coleta de dados descritos a seguir. Pode-se, além disso, indicar o uso da pesquisa descritiva, de acordo com Thomas e Nelson (1996), na medida em que foram descritas as características e as relações existentes na INCOOP/UFSCar.

Sobre os procedimentos metodológicos de coleta e análise de dados foram observados alguns procedimentos (Boni & Quaresma, 2005, Yin, 2015): (1) os questionários de roteiro semi-estruturado foram aplicados para todos os participantes da incubadora, sendo eles os professores, alunos e técnicos. (2) Análises de fontes documentais internas foram fornecidas pela incubadora e por fim, (3) foi feita uma observação participante de uma das pesquisadoras em uma disciplina de extensão que visa preparar os alunos a compreenderem o processo de incubação de cooperativas populares.

Ao final das etapas realizadas de questionários, documentos internos e observação participante, houve a necessidade de ir a campo novamente para realizar entrevistas não estruturadas que procuraram preencher as lacunas encontradas com a aplicação dos instrumentos anteriores. Entrevistou-se dessa vez os professores participantes da incubadora. (Collis & Hussey, 2005, Yin, 2015). Somente a coleta de dados documentais pode ser classificada como um fonte de dados secundária, relevante para a triangulação das informações obtidas na análise. A figura 2 apresenta o percurso metodológico adotado nessa pesquisa.

Figura 2: Percurso metodológico



Fonte: Elaborado pelos autores

Para fins da coleta de dados foram aplicados dois questionários nessa pesquisa. Um deles foi criado para coletar informações institucionais sobre a incubadora alvo INCOOP-UFSCar em outubro de 2007. Esse foi baseado no relatório elaborado pela Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (Fase, 2002), abordando cinco questões fechadas relativas a vínculo intitucional, equipe técnica, áreas do conhecimento, desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e quantidade de capital aplicada na Universidade.

Já o outro questionário foi aplicado com os sujeitos participantes da INCOOP na visão da Universidade, com alunos e professores, no período de janeiro a março de 2009, com o intuito de analisar os ganhos socioeconômicos de alunos, professores com relação a INCOOP. As questões foram elaboradas com perguntas abertas e fechadas para duas modalidades de participantes da Incubadora: um para professores, técnicos e coordenadores e outra para alunos.

A pesquisa envolveu todos os participantes da incubadora ligados a Universidade. Na pesquisa de campo, realizada no primeiro semestre de 2009, dos 27 participantes da incubadora, 24 puderam colaborar, dentre eles estavam 12 alunos, sendo os outros 12 professores, coordenadores e técnicos. A pesquisa foi finalizada em abril de 2009.

As fontes documentais foram baseadas majoritariamente em documentos internos da INCOOP como apostilas, folhetos e *folders*.

A observação participante da pesquisadora foi realizada, no período de março à junho de 2009,

via disciplina de extensão “Cooperativas Populares e Economia Solidária: produção de conhecimento, intervenção profissional e formação de profissionais”.

Foi organizada pela Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa, Extensão - ACIEPE e oferecida pela UFSCar para todos os alunos interessados. Assim a pesquisadora pode aplicar a observação direta participante como um procedimento de coleta de dados, pois passou a assumir tarefas na INCOOP de atividades da organização.

RESULTADOS

A Incubadora Regional de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos (INCOOP) pertence à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) na cidade de São Carlos, localizada no estado de São Paulo. A incubadora tem como foco atuar junto a comunidade para fomentar empreendimentos com vistas a uma cultura solidaria, de cooperação entre cidadãos e de relações saudáveis com o meio ambiente.

Sobre o perfil dos respondentes, na no gráfico 1, a equipe da INCOOP se constituía no momento desta coleta de dados, por 33% de alunos de graduação e pós-graduação, 30% de professores de graduação e pós-graduação e 37% de coordenadores e técnicos. Os coordenadores são profissionais contratados através de projetos de diferentes fontes, enquanto dentre os profissionais de perfil técnico há somente um e esse é contratado diretamente pela UFSCar. A participação dos estudantes pode ser ilustrada pelo gráfico 1.

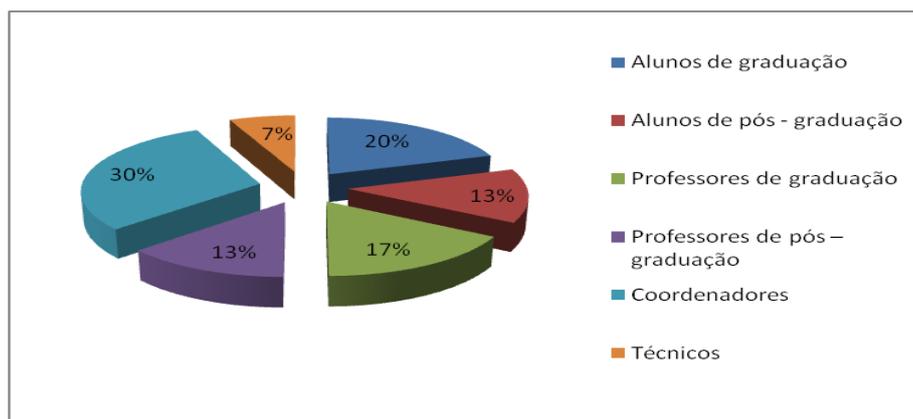


Gráfico 1 – Equipe da Incubadora da INCOOP
Fonte: Elaborado pelas autoras

A diversidade de estudantes e profissionais que compõe o corpo técnico faz com que o grupo se complemente em relação às diferentes áreas do conhecimento, sendo ciências humanas, saúde e engenharias as áreas predominantes da equipe da INCOOP. São eles 50% de ciências humanas, 22% de ciências da saúde e 28% correspondem as engenharias (DADOS DE PESQUISA). Percebe-se que todas as áreas do conhecimento se encontram representadas, contudo prevalecem os participantes das ciências humanas, que representam 50% dos envolvidos.

Caracterização Geral da INCOOP – UFSCar

Esta seção traz, primeiramente, um panorama referente à estrutura da INCOOP no que tange a seus agentes, produção acadêmica, fomento e vínculo institucional. Em seguida, aborda-se o impacto das ações da INCOOP na comunidade.

Como já discutido, a INCOOP – UFSCar é uma incubadora ligada à rede ITCP que nasceu

no final da década de 90, inspirada em outras Incubadoras de Cooperativas Populares, como o Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE – UFRJ), pioneiro no processo. A INCOOP contou com o apoio de três núcleos de extensão da UFSCar (Cidadania, Sindicato e Município) no início de seu desenvolvimento. Ela obteve o espaço físico cedido pela UFSCar para o estabelecimento de suas atividades, além de material de consumo e serviços de manutenção. A INCOOP conta também com uma técnica em assuntos educacionais, participação de estagiários, professores e alunos de graduação e pós-graduação remunerados por meio de bolsas de diferentes modalidades (CORTEGOSO et al., 2008). A INCOOP conta com oito incubadoras, foi possível o levantamento dos nomes destas associações e de números de participantes. Dados foram retirados do site da INCOOP (2010) e são apresentados na tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Cooperativas Incubadas e número de cooperados inseridos

Nome	Número de cooperados
Coopercook	-
Cooperlimp	280
Coosturarte	19
Consumosol	-
Madeirarte	11
Maria Fuxixo	7
Recriart	-
Coolativa	42

Fonte: INCOOP (2010)

A INCOOP institucionalmente, encontra-se vinculada à Pró-Reitoria de Extensão

Universitária da UFSCar. Além disso, possui relações com diversos departamentos acadêmicos

e com cursos de graduação e pós-graduação da UFSCar, por meio dos professores e alunos que com ela se envolvem. Tais vínculos, no entanto, têm um caráter dinâmico em função de variações nas participações de alunos e professores. Em 2007, por exemplo, a INCOOP contava com professores dos Departamentos de Educação Física, Matemática, Letras, Engenharia Civil,

Engenharia de Produção, Psicologia, Sociologia, Pedagogia, Enfermagem, Terapia Ocupacional.

Estes professores, por sua vez, podem participar de diferentes programas de pós-graduação da UFSCar. Ainda em 2007 era a seguinte a composição técnica da INCOOP, apresentada na Tabela 2, incluindo-se aqui a participação de funcionários da UFSCar.

Tabela 2 – Composição da equipe técnica da INCOOP

Professores	18 docentes da Universidade
Servidores Técnico administrativos	1 Técnica para assuntos educativos 2 Profissionais de nível superior da UFSCar (coordenadora do Núcleo Cidadania; professora da UAC)
Alunos de graduação	Participação de 45 alunos por semestre na ACIEPE. 7 coordenadores de projetos; profissionais especialistas contratados para desenvolvimento das metas relacionadas ao projeto (sendo de áreas distintas: psicologia, pedagogia, cientista social, arquiteto, químico e engenheiro agro-florestal).

Fonte: INCOOP (2010)

Chama a atenção a produção científica resultante da INCOOP. As experiências de formação e assessoria aos grupos incubados possibilitam um conjunto de reflexões sobre os processos de incubação e o desenvolvimento da Economia Solidária. Essas experiências basearam diversas apresentações, painéis,

monografias, dissertações, teses, publicações, bolsas de iniciação científica e estágios. Os trabalhos científicos referentes aos anos de 2000 até 2010, coletados por meio da pesquisa documental, são descritos na tabela abaixo.

Tabela 3 – Trabalhos acadêmicos em números - INCOOP – Período de julho de 2000 a junho de 2010

TIPO	QUANTIDADE
Erro! Fonte de referência não encontrada.	4
Erro! Fonte de referência não encontrada.	14
Erro! Fonte de referência não encontrada.	9
Erro! Fonte de referência não encontrada.	84
Erro! Fonte de referência não encontrada.	65
Erro! Fonte de referência não encontrada.	20
Erro! Fonte de referência não encontrada.	8
Erro! Fonte de referência não encontrada.	76
Erro! Fonte de referência não encontrada.	2
Erro! Fonte de referência não encontrada.	20
Dissertações	11
Teses	2
Erro! Fonte de referência não encontrada.	9
Erro! Fonte de referência não encontrada.	7
Erro! Fonte de referência não encontrada.	12
Erro! Fonte de referência não encontrada.	10
Total	353

A tabela 3 oferece uma síntese da produção acadêmica gerada pela equipe da INCOOP. Essa produção se refere a temas como: Economia Solidária, Cooperação, Reciclagem, Consumo / Consumidores, Educação / Ensino,

Comportamento, Cooperativa de Limpeza, Pesquisa-ação. Diante disso, observa-se uma grande divulgação de trabalhos da INCOOP: em maior número, estão os trabalhos publicados em anais de congresso (84), em seguida, vêm os

resumos publicados em anais de congresso (76) e as apresentações orais de trabalhos em eventos acadêmicos (65). As Incubadoras são subsidiadas por meio de projetos financiados pelas entidades que integram o comitê gestor das ITCPs. Assim, injetam capital na Universidade (UFSCar), oferecendo infraestrutura, docentes, bolsas de extensão e de atividades para a atuação da INCOOP. Estes dados foram fornecidos através do questionário respondido por coordenadores responsáveis pela INCOOP.

Diversos dos projetos desenvolvidos pela INCOOP contam com financiamento externo de

órgãos de fomento, tais como Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), Fundação Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco Real-Universidade Solidária, Pró Reitoria de Extensão, além de parcerias com a iniciativa privada e governos municipais (INCOOP, 2010). Eles são apresentados na tabela 4.

Tabela 4 – Recursos de capital acumulado pela INCOOP

2004-2005	Programa PRONINC / FINEP, Projetos CNPq, SENAES e Empresas Total de recursos captados: R\$ 687.234,42
2007	Programa PRONINC / FINEP e Políticas Públicas Total de recursos captados: R\$ 330.000,00
2008	Programa PRONINC / FAPESP e Políticas Públicas Total de recursos captados: R\$ 589.724,84
2009	Programa PROEXT-MEC / PNI/PRONIC / MCT/FINEP / MDS/PNUD e Emenda parlamentar Total de recursos captados: R\$748.673,90
2010	Programa SENAES/MTE / PROEXT-MEC Total de recursos captados: R\$ 444.159,20

Fonte: INCOOP (2010)

A partir das evidências ilustradas nas tabelas 2, 3, e 4 é possível perceber a relevância das produções do INCOOP para a comunidade acadêmica em geral e especificamente para a UFSCAR. A seguir, na seção 3.2 será ilustrada a contribuição da Incubadora para a Universidade.

Impacto das ações da INCOOP na Universidade

Esses dados foram coletados pelo instrumento de questionários semi-estruturados aplicados para professores, técnicos e alunos participantes da

Incubadora. No gráfico 2, a coluna lateral corresponde ao total de participantes que responderam ao questionário, considerando que eles poderiam marcar quantos itens quisessem, observou-se que para apenas seis dos entrevistados (25%), o envolvimento com a Incubadora contribuiu para conhecer a realidade dos cooperados excluídos do mercado de trabalho. Por outro lado, a maioria do público envolvido teve a oportunidade de conhecer alternativas à economia presente e de ter contato com pessoas de diferentes camadas sociais.

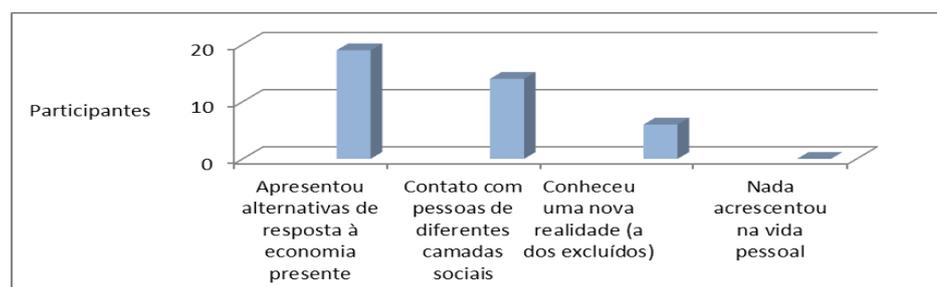


Gráfico 2 – Impacto da INCOOP

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os contatos construídos na Incubadora por parte de professores e alunos, como também a relação com a sociedade pode ser enriquecedor na construção de ideias e informações, pois mostra uma elite intelectualizada que se

preocupa com problemas sociais de camadas mais baixas e, além disso, pode cumprir com o papel da Universidade frente à comunidade na qual ela está inserida. Veja, a título de exemplo o que diz o o Aluno L.T:

A experiência na Incoop me acrescentou muito pessoalmente pelo contato com as pessoas que trabalham aqui [...] e pelo contato com as pessoas que procuramos transferir tecnologia da Universidade, [...]. Quanto aos meus colegas de trabalho, é ótima a oportunidade de poder trocar ideias e informações com pessoas tão comprometidas na busca de mais justiça social e desenvolvimento integrado ao meio ambiente. Se pelo menos a maioria da elite intelectualizada de nossas Universidades públicas soubesse usar esse elitismo para buscar justiça social e diminuir a desigualdade social do país, com certeza teríamos um Brasil melhor. Ainda, o contato com o “mundo externo” a Universidade, o contato com essas pessoas menos favorecidas é muito enriquecedor para conhecermos exemplos de vida e para que possamos sempre nos lembrar de nossa responsabilidade como elites formadas numa escola pública brasileira.

O Aluno G.M. procurou concluir que o trabalho na Incubadora pode abrir horizontes e,

além disso, pode gerar trabalhos científicos de alunos que produzem conhecimento nesta área desde a sua graduação, acompanhando o aluno a níveis de mestrado e doutorado e, mais ainda, é algo que lhe gratifica, sendo esta uma oportunidade para encontrar pessoas com interesses comuns.

Aluno L.B., diz “[...] fiquei com maior instinto crítico quanto à forma capitalista que vivemos. A INCOOP também nos oferece uma formação social muito rica.”. Aluno C.A., ao começar a trabalhar na INCOOP, relata “[...] comecei a questionar com maior clareza o sistema capitalista e suas consequências, questionar e avaliar diferentes opiniões sobre diversos assuntos”.

No que diz respeito ao crescimento acadêmico (gráfico 3), as respostas indicaram que, para a maioria, ele se traduz na aprendizagem, na prática e na adaptação à prática dos modelos estudados.

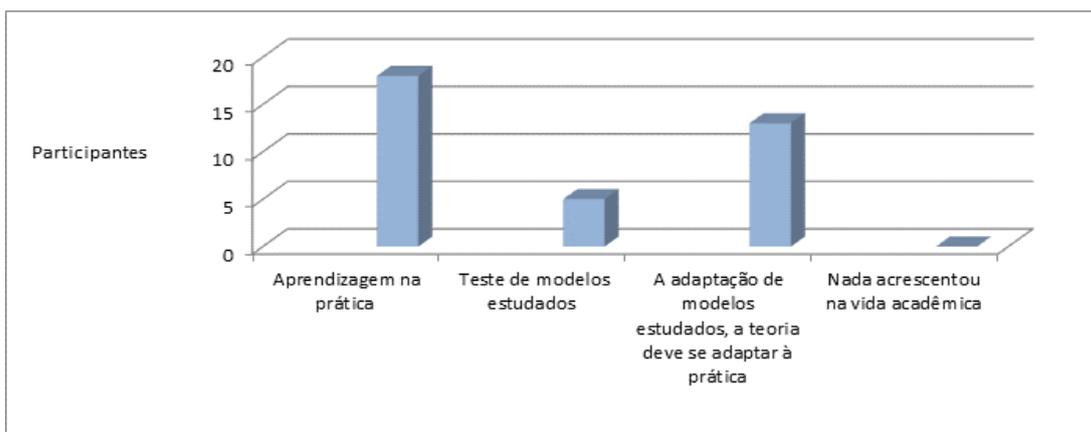


Gráfico 3 - Crescimento acadêmico dos participantes da INCOOP

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os dados apresentados no gráfico 3 podem ser apoiados pelos relatos dos alunos. O aluno E.A. explica que houve enriquecimento na sua vida acadêmica: “[...] conhecimento prático de gestão de empreendedorismo, articulação política, iniciativas sustentáveis, entre outros.”

O aluno “F.N” também relata seus ganhos acadêmicos: “[...] trabalhar com pessoas sérias e comprometidas com os grupos populares e que têm o princípio de participação popular efetiva me trouxe grande aprendizado acadêmico.”.

Segundo o aluno D.M, a Incubadora acrescentou tanto na vida pessoal como na acadêmica, pois, para a entrevistada, ambas são intensamente ligadas:

Acredito que as vidas acadêmicas e pessoais estão intensamente ligadas, e uma influencia a outra, por isso acredito que o contato com a Incubadora, com os princípios da economia solidária, com os empreendimentos acrescentou muito em minha vida acadêmica e pessoal. Acrescentou no sentido de eu refletir sobre os meus valores pessoais, a realidade que vivemos em nosso país, nossas desigualdades, a depredação do meio ambiente e, ao mesmo tempo, como podemos tentar mudar isso, quais as alternativas para isso. Acredito que a economia solidária protagonizada pela Incoop é uma alternativa, mas, ao mesmo tempo, penso que é necessário uma ampliação disso, em outras palavras, que mais pessoas também se conscientizem para que possamos sempre aumentar o grupo de pessoas que trabalham

nessa perspectiva, mesmo porque a economia capitalista é tão presente e grande no mundo que para a economia solidária conseguir se manter e/ou vencer é necessário uma força maior de mais atuantes.

E ainda, do ponto de vista do aluno, há ganhos na vida profissional: *“Na Incubadora tive contato com um modelo de trabalho eficiente que foi importante em minha formação.”* (Aluno T.C.). *“Comecei a participar de outra realidade que eu não conhecia e podendo ver na prática o serviço que os meus anos de estudo puderam contribuir para a sociedade.”* (Aluno T.R.).

De acordo com outro entrevistado (Aluno S. M.), a participação na INCOOP acrescentou diversos aprendizados em ambas as áreas.

Na profissional, a abertura de novos horizontes de trabalho, de possibilidades de aliar os conhecimentos adquiridos no curso de Psicologia com a Economia Solidária, novos planos, de me aprofundar, fazer um mestrado na área. Na vida pessoal, primeiramente, houve a confirmação de diversas coisas em que eu já acreditava, a respeito de mudanças sociais, de uma menor diferença entre classes

econômicas, da possibilidade de uma vida digna para todos. Porém, antigamente, não encontrava muitas pessoas que acreditassem de verdade nisso, que não considerassem pura utopia.

Outro (Aluno S. J. A.) acredita que a incubadora possibilitou concretizar a sua ação social:

Na Incubadora encontrei muitas pessoas que também acreditam, e vislumbrei a possibilidade de fazer alguma coisa, eu posso fazer alguma coisa para mudar o mundo, de fato, e isso é muito concreto, e existem mais pessoas caminhando no mesmo sentido. É uma sensação maravilhosa, me sinto mais completa desde que passei a trabalhar com EcoSol na INCOOP.

Note, no gráfico 4, que 75% dos alunos recebem bolsa concedida pelo PRONINC ou pela UFSCar através de bolsa atividades, treinamento ou extensão e, 25% trabalham na Incubadora por atividade curricular ou voluntariado. Por isso, é possível perceber que uma parcela dos atores envolvidos realiza essa atividade em busca de benefícios que vão além dos monetários.

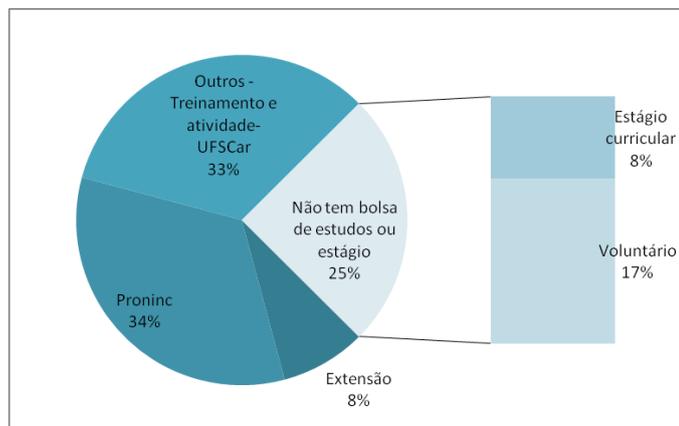


Gráfico 4 – Alunos com bolsa de estudo e estágio na INCOOP
Fonte: Elaborado pelas autoras

A ACIEPE ofereceu subsídios para entender melhor a Incubadora no seu funcionamento, visto que, através da participação de uma das metas, foi possível atuar na Incubadora. Esses subsídios podem ser ilustrados como bolsas e auxílios financeiros, equipamentos e auxílio

administrativo. Observe, no gráfico 5, que professores, técnicos e coordenadores (79%) têm as horas contadas como extensão, ou recebem auxílio financeiros ao participar de atividades na Incubadora; enquanto os outros 21% aparecem como voluntários.

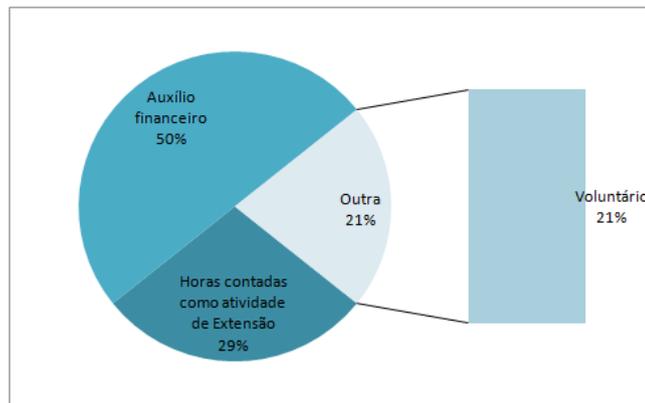


Gráfico 5 – Auxílios financeiros dos professores, técnicos e coordenadores na Incubadora
Fonte: Elaborado pelas autoras

Chama a atenção, conforme mostrado no gráfico 5, que 21% dos participantes da INCOOP atuam como voluntários. Metade de seus professores, técnicos e coordenadores não são diretamente remunerados por meio de auxílios financeiros, participando do projeto por vontade própria ou sendo atribuídas horas de extensão universitária para apoiar a sua participação.

Diante do exposto, observa-se que se pode conhecer a dinâmica da INCOOP e ainda ver como as palestras, as atividades de incubação e os acompanhamentos de Empreendimentos de Economia Solidária são feitos na prática. Na sala de aula da disciplina de extensão “Cooperativas Populares e Economia Solidária: produção de conhecimento, intervenção profissional e formação de profissionais”, professores de diversas áreas do conhecimento, alunos monitores e coordenadores da disciplina desenvolveram habilidades dos alunos, com a realização de trabalhos em grupo, atividades de pesquisa e discussões. Além disso, visitas ao campo de estudo, participação efetiva em reuniões da Incubadora através de metas da INCOOP e oficinas ligadas foram atividades que constituíram um excelente espaço para a articulação do ensino, pesquisa e extensão. A dinâmica foi boa e, na realização de um relatório final, foi possível sintetizar pontos que foram relevantes neste semestre de aprendizagem.

Pelo acesso ao campo foi possível averiguar a premissa que alunos e professores são beneficiados na relação de incubação. Seria o aprender saindo da sala de aula, o aprender técnico – científico, ao elaborar, por exemplo, um modelo padrão para o sabão caseiro e procurar um mercado para isso. Uma forma

sustentável de se produzir através da reciclagem. Para a pesquisadora, a disciplina pareceu um campo fértil para trocar ideias e conhecer pessoas com interesses comuns, afirmando e ampliando o seu conhecimento em Economia Solidária e cooperativismo, em forma de Incubação.

3.3 Considerações Finais

Ao final do estudo, chega-se a conclusão de que uma Universidade, quando exerce o seu papel através dos meios Ensino, Pesquisa e Extensão, não procura formar somente profissionais, mas preparar pessoas capazes de enxergar e modificar a realidade e que têm o aprendizado e a formação não apenas nas disciplinas em sala de aula. Isso foi observado na INCOOP-UFSCar, em que o ensino, ligado a pesquisa e a extensão, fornece a formação do indivíduo que vai além do crescimento acadêmico, favorecendo também o desenvolvimento pessoal. Esse achado corrobora a prerrogativa dada por Canales (2006) que destaca o dever da Universidade em estender a produção à população, socializar e democratizar o conhecimento acadêmico desenvolvido nas pesquisas e no ensino ao aproximar o mundo acadêmico com o universo leigo e popular.

A ITCP seria um instrumento formal de operacionalização de uma política de extensão. Cabe à extensão muito mais que um simples papel de órgão suplementar, na medida em que é por seu intermédio que as duas partes – Universidade e Comunidade – serão confrontadas. É também através dele que a experiência concreta deverá se transformar em elemento básico de elaboração da ciência. Por outro lado, a condição estrutural das ITCPs, próxima à cúpula universitária e com maior

flexibilidade de ação do que os demais órgãos de natureza acadêmica poderão constituir um fator importante para garantir a viabilidade de sua proposta (Debeux, 2007).

A Incubadora, como um projeto de extensão, pode operacionalizar o papel da Universidade, o que pôde ser notado logo no início da pesquisa de campo, em que a Incubadora como um projeto vinculado à Pró-reitoria de extensão da Universidade se apresentou com uma equipe interdisciplinar, produzindo um grande volume de trabalhos acadêmicos, além de atrair capital através de parcerias e projetos financiados. Os resultados dessa interação não são unilaterais, nem ocorrem de forma assistencialista; são propostas reais, locais, que procuram responder às demandas das camadas mais pobres de um lado, e de outro atender a vontade instigante de alunos e professores em colocar o aprendizado na prática.

Por meio da pesquisa de campo, pode-se notar o crescimento pessoal dos envolvidos, devido, especialmente, ao contato com diferentes camadas sociais e com uma nova realidade. Ademais, professores e alunos obtiveram desenvolvimento na vida acadêmica, podendo adaptar a teoria à prática e testar modelos estudados. Participantes da incubadora ligados à Universidade, tiveram a oportunidade de realimentar a teoria com a vivência de casos práticos. Os entrevistados passaram a conhecer melhor a autogestão, cooperativismo e os princípios de Economia Solidária, além de receberem benefícios financeiros ou em horas como atividades de extensão. Merece destaque o fato de que aumentaram a responsabilidade em relação ao meio ambiente, tema de grande relevância no cenário mundial atualmente. Perante todas essas melhorias, todos os envolvidos no processo de Incubação acreditam e se empenham para garantir um futuro próspero.

Entretanto, a pesquisa encontrou algumas dificuldades no seu andamento, dentre elas os questionários, dos quais professores, alunos, técnicos e coordenadores puderam participar. Esses questionários não tiveram êxito em sua totalidade, pois neles havia algumas questões fechadas que limitavam as escolhas dos entrevistados, ou ainda não foram suficientes para medir o grau de conhecimento do participante. Mas, independentemente destes problemas, alguns resultados apresentados podem ser úteis para a identificação dos ganhos acadêmicos e para uma melhor compreensão das

razões do envolvimento de alunos e professores com a Incubadora.

Por outro lado, observou-se que as questões dos questionários abertos foram bastante ricas, como se pode perceber nos relatos dos próprios participantes da INCOOP. Foi interessante notar também que, além da aplicação dos questionários, a conversa com participantes da Incubadora foi de grande valia na construção desse estudo de caso para colher informações e solucionar dúvidas que iam surgindo no decorrer da pesquisa. Por exemplo, a história da formação da INCOOP fica mais fácil de ser entendida quando se conversa com um de seus formadores.

Quando se fala de limitação, pode-se dizer que, na INCOOP, foi possível coletar dados zelados desde o início dos estudos. Porém, quanto à questão de generalização para as demais ITCPs ligadas às Universidades através das atividades de extensão, não será possível estender os mesmos resultados. Em outras palavras a pesquisa sobre esse assunto, e não especificamente o estudo na INCOOP, ainda enfrenta limitações: a princípio, o trabalho visava verificar ganhos na totalidade das Incubadoras, porém no decorrer do problema levantado, observou-se que não seria possível essa amplitude. Seria necessária uma amostra maior de número de Incubadoras participantes, contudo, pelo tamanho da Incubadora, a forma como elas se organizam e se apresentam frente à Universidade varia muito. Para que isso ocorra, deve ser aplicado em uma amostra maior de ITCPs, com distintas coordenações, anos de existência diferentes, quantidade e disponibilidade variadas de docentes para exercer atividades na mesma, diferentes números de projetos em andamento e finalizados, e com grau variado de institucionalidade frente à Universidade à qual ela pertence.

Após finalizar este estudo, é certo dizer que a INCOOP não representa a totalidade das Incubadoras, sendo esse um único caso analisado. A incubadora INCOOP possui algumas particularidades, sendo que é acompanhada bem de perto por vários professores, enquanto que, em outros casos, são alunos de graduação que tentam mantê-las. Além disso, a INCOOP possui vantagens para estudar sua contribuição à Universidade em relação às demais pelo fato de que ela procura realizar a indissociabilidade Ensino Pesquisa e Extensão, acontecimento sustentado pelo curso oferecido pela mesma, a Atividade Curricular de

Integração Ensino, Pesquisa e Extensão – ACIEPE.

Embora tenha havido alguns contratemplos no desenvolvimento da pesquisa, diante do que foi exposto, pode-se considerar que os objetivos do trabalho foram atingidos, uma vez que, por meio revisão de literatura e estudo de caso, se obteve êxito em estudar a INCOOP-UFSCar, com foco na verificação dos ganhos do ponto de vista acadêmico e pessoal de alunos e professores na Universidade.

A INCOOP, diferente de outras Incubadoras de Cooperativas Populares que se encontram fora das Universidades, obteve todo um aparato de institucionalidade, continuidade, transferência de estudos e tecnologias da Universidade e apoios criados de parcerias institucionais. Ademais, o espaço cedido pela universidade contribui para a inserção de cooperativas e seu acompanhamento, devido ao trabalho de professores, alunos, pessoas qualificadas, coordenadores e técnicos que são vinculados à Incubadora através de

projetos, gerando, desse modo, produção científica. Todos esses fatores permitem que a INCOOP consiga capital, por meio de projetos, e a Universidade, por sua vez, fornece incentivos comerciais e responde à demanda dos trabalhadores com cooperativas incubadas, favorecendo ainda a reprodução do modelo da INCOOP em outras Universidades.

Aos que gostariam de continuar estudando essa área, aconselha-se investigar outras ITCPs ligadas à rede além dos limites da UFSCar. Seria interessante verificar quais outros benefícios e dificuldades essa relação da Incubadora dentro da Universidade pode propiciar a ambos os lados. Além disso, interessa procurar meios para que as ITCPs tenham mais força a fim de que, um dia, as Incubadoras possam se institucionalizar e firmar seu compromisso com a sociedade, agindo de modo mais articulado, sem medo da falta de recursos fixos para a realização de suas atividades.

REFERÊNCIAS

Anprotec. (2019) Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. Recuperado em 16 de julho, 2019, de <http://www.anprotec.org.br>.

Araujo Filho, T. (2005) Exposição UFSCar. Relatório. In: Seminário de Incubadoras de Cooperativas Do Proninc. A Extensão Universitária na Incubação de Cooperativas de Populares. São Paulo.

Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas ANPROTEC. (2017) Incubadora de empresas. Recuperado em 30 de janeiro, 2017, de <http://www.anprotec.org.br/anprotec.htm#5>.

Araújo Filho, T. & Nardini, T. (2006) Ampliando os horizontes da Engenharia de Produção por meio da Extensão. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 26., International Conference on Industrial Engineering and Operations Management, 12., Fortaleza, 2006. Ética e Responsabilidade Social: a contribuição do Engenheiro de Produção. Rio de Janeiro: Oficina das Letras.

Boni, V. & Quaresma, S. J. (2005) Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas

em Ciências Sociais. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68-80.

Botomé, S.; (1996) Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária. Petrópolis/São Carlos/Caxias do Sul: Ed Vozes/Edufscar/Educs.

Branco, A. & Guimarães, R. Sistematização, ampliação e disseminação de conhecimentos em metodologias de projetos de extensão (referenciais teóricos e modelos). In: Thiollent, M. et al. (Org.). Extensão universitária: conceitos, métodos e práticas. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.

Calbino, D & De Paula, A, P. (2013) Economia solidária: uma investigação sobre o estado da arte. Gestão Contemporânea, n. 14.

Canales, Renata Pereira. (2006) O centro de divulgação científica e cultural da Universidade de São Paulo, campus São Carlos: um projeto de extensão universitária. 143f. 2006. Dissertação (Mestrado em Fundamentos da Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Carvalho, G. D. G.; Corrêa, R. O. & Cruz, J. A. W. (2015) Economia Solidária - Análise Estrutural e de Relacionamento de seus Atores: o Caso da Rede de Economia Solidária da Região

Metropolitana de Curitiba-PR. *Gestão e Sociedade*, v. 9, n. 24, p. 1073-1097.

Chesbrough, H. W. (2006) *Open Innovation: The New Imperative for Creating and Profiting from Technology*. Cambridge, MA: Harvard Business School Press.

Chiariello, C. L. & Eid, F. (2010) Singularidades na gestão de cooperativas tradicionais e populares: estudo de caso em cooperativas rurais do Paraná. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 12, n. 1, p. 98-112.

Collis, J. & Hussey, R. (2005) *Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. Bookman.

COPPE UFRJ (2009) (Rio de Janeiro) (Org.). Rede de ITCPs. Recuperado em 15 de setembro, 2009, de http://www.itcp.coppe.ufrj.br/rede_itcp.php.

Cortegoso, A; Zanin, M & Ferreira, D. (2008) In. II CONGRESSO DA REDE DE ITCPs, Inovação pedagógica na UFSCar e ensino de economia solidária: atividade curricular de integração ensino, pesquisa e extensão. São Paulo.

Culti, M. N. (2007) *Economia Solidária: Incubadoras universitárias e processo educativo*. PROPOSTA - Revista Trimestral de Debate da Fase, Rio de Janeiro, p. 17-22, abr.

_____ (2011) *Conhecimento e prática: processo de incubação de empreendimentos econômicos solidários como Processo Educativo*. *Otra Economía*, v. 3, n. 5, p. 146-165.

Dubeux, A. (2007) O papel das Universidades na construção da economia solidária no Brasil. *Revista Proposta (FASE)*, Rio de Janeiro, p. 4 - 15, mar.

Eid, F. (2008) Sobre a concepção de Incubadora universitária de empreendimentos de Economia Solidária da UNITRABALHO e sobre metodologia de incubação. Recuperado em 14 de julho, 2008, de http://www.unitrabalho.org.br/imagens/artigos/et05/lia_tiriba.pdf.

Fischer, R. M. (org.). (2002) *O desafio da colaboração*. São Paulo: Gente.

Forporex. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Federais Públicas. Recuperado em 14 de julho, 2008, de <http://www.andifes.org.br/index>.

Fraga, L. (2018) As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares (ITCP) na construção da contra hegemonia acadêmica. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v. 5, n. 13, p. 496-539.

França Filho, G. C. (2004) A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública? *Cadernos Ebape. br*, v. 2, n. 1, p. 01-18.

Gil, A. C. (1991) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas.

Guimarães, G. (Org.) (1998) *Incubadora tecnológica de cooperativas populares. Ossos do ofício: cooperativas populares em cena aberta*. Rio de Janeiro: COPPE-UFRJ: FINEP.

_____ (2000) *Sindicalismo e cooperativismo: a economia solidária em debate – transformações do mundo do trabalho*. São Paulo: Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o trabalho – UNITRABALHO.

Honig, B. & Karlsson, T. (2010) Social capital and the modern incubator: A comparison of in-group and out-group social networks. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, v. 23, n. sup1, p. 719-731.

INCOOP-UFSCAR. Incubadora Regional de Cooperativas da Universidade Federal de São Carlos. (2008) Recuperado em 13 de fevereiro, 2010, de <http://www.consumosol.ufscar.br>.

Incubadora Regional de Cooperativas Populares. INCOOP - PNUD. (2008). *Proposta de Projeto*. Recuperado em 13 de fevereiro, 2010, de <http://www.incoop.ufscar.br/textos/incoop-pnud>.

Incubadora Tecnológica De Cooperativas Populares. (2008) *Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares*. Recuperado em 11 de julho, 2008, de <http://www.itcp.coppe.ufrj.br/>.

- ITCP COPPE. (2019) Incubadora Tecnológica de Cooperativa Popular COPPE. Recuperado em 16 de julho, 2019, de <http://www.itcp.coppe.ufrj.br>
- Laville, J. L. (1994) *L'économie solidaire: une perspective internationale*, Paris: Desclée de Brouwer, coll. Sociologie économique.
- Lima, A. R.; Almeida, L. F.; Giglio, E. M. & Corrêa, V. S. (2018) A Correspondência entre Governança Relacional e Resultados Sociais em Redes de Cooperativas de Material Reciclável. *Revista Administração em Diálogo*, v. 20, n. 3, p. 1-27.
- Matarazzo, G. & Boeira, S. L. (2016) Incubação de cooperativas populares: representações sociais e tensões entre racionalidades. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 14, n. 1, p. 207-207.
- Mattos, M. J. C. (1981) *O Crutac como instrumento de efetivação deu na política de extensão universitária*. 125p. 1981. Dissertação (Mestrado em Supervisão e Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Nicolopoulou, K., Karataş- Özkan, M., Vas, C. & Nouman, M. (2017) An incubation perspective on social innovation: the London Hub—a social incubator. *R&D Management*, v. 47, n. 3, p. 368-384.
- Pinheiro, D. C. (2016) *O Estado da Arte da Produção Científica em Economia Solidária*. *Administração Pública e Gestão Social*, v. 8, n. 2, p. 95-103.
- Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC). (2002) *Construindo alternativas de geração de trabalho e renda: Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares*. Rio de Janeiro: Oficina Social, Centro de Tecnologia, Trabalho e Cidadania.
- _____ (2008) Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares. Recuperado em 13 de julho, 2008, de <http://www.finep.gov.br/programas/proninc.asp>.
- Raupp, F. M. & Beuren, I. M. (2006) *O suporte das incubadoras brasileiras para potencializar as características empreendedoras nas empresas incubadas*. *Revista de Administração*, v. 41, n. 4, p. 419-430.
- Rede De Tecnologia Social. RTS (Org.) (2004) *Tecnologia Social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil.
- Sentana, E. & González, R., Gascó, J.; Llopis, J. (2017) The social profitability of business incubators: a measurement proposal. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 29, n. 1-2, p. 116-136.
- Schmidt, S. & Balestrin, A. (2014) *Projetos colaborativos de P&D em ambientes de incubadoras e Parques Científico-Tecnológicos: teorizações do campo de estudo*. *Revista de Administração e Inovação*, v. 11, n. 2, p. 111-131.
- Silva, R. R. & Teixeira, M. R. S.; Rodrigues, F. T. R. L. (2016) *Uma Análise da Gestão de Projetos de Extensão de uma Instituição Federal de Ensino*. *Revista de Gestão e Secretariado*, v. 7, n. 3, p. 150-171.
- Singer, P. (2000) *Desafios à solidariedade*. In: GUIMARÃES, G. (Org.). *Sindicalismo e cooperativismo: a economia solidária em debate – transformações do mundo do trabalho*. São Paulo: Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o trabalho – UNITRABALHO, p.63-78.
- Singer, P. (2002) *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Stal, E.; Andreassi, T. & Fujino, A. (2016) *The Role of University Incubators in Stimulating Academic Entrepreneurship*. *Revista de Administração e Inovação*, v. 13, n. 2, p. 27-47
- Tigre, P. (2006) *Gestão da Inovação: A Economia da Tecnologia no Brasil*. Editora Elsevier.
- Thiollent, M. et al. (2003) *Extensão universitária: conceitos, métodos e práticas*.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sub-reitoria de desenvolvimento, 2003.

Thiollent, M. et al. (2000) Metodologia e experiências em projetos de extensão. Niterói: EDUFF.

_____. (1998) II Seminário De Metodologia De Projetos De Extensão. Extensão Universitária e Metodologia Participativa. Rio de Janeiro: COPPE.

_____. (2005) Metodologia da pesquisa-ação. 14. ed. São Paulo: Cortez.